



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Toada Perreché do Brasil: Expressões folkcomunicacionais¹

Bruna do Carmo Reis LIRA²
Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

O trabalho aqui apresentado, tem por objetivo, compreender as expressões folkcomunicacionais a partir de uma toada folclórica, no âmbito Alvorada Vermelha, que traz consigo as riquezas culturais e os artefatos da Folkcomunicação. Foi-se necessário fazer uma pesquisa qualitativa, leituras bibliográficas, utilizando como base o teórico Luiz Beltrão e posteriormente, seus seguidores, para um resultado satisfatório. Ressaltar a identidade de povo, é lembrar que a história dele teve um início, um meio que permeia entre nós e que dificilmente terá um fim, pois está muito vivo na alma de cada um. Por isso a importância de manter as pesquisas e estudos, acerca das manifestações culturais.

Palavras-chave: folkcomunicação; Perreché; toadas.

Introdução

Abordar as mais diversas manifestações culturais do baixo Amazonas é uma atividade bastante familiar, entretanto, é necessário unir os fatores primordiais e originários que possam fortalecer o entendimento comunicacional, através do processo folkcomunicacional, encontrado na toada, utilizando-se do campo de pesquisa Alvorada Vermelha 2018– manifestação cultural parintinense -, que pela primeira vez foi reconhecida com o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Amazonas.

O trabalho objetiva, de modo geral, compreender a simbologia folkcomunicacional da toada Perreché do Brasil, embasando-se na teoria de Luiz Beltrão – Folkcomunicação -, atingindo o público alvo que faz parte dela e para ela, promovendo assim, a importância da manifestação cultural para brincantes e visitantes.

A partir da leitura, será possível compreender e identificar o processo comunicacional desta abordagem.

¹Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Esta análise foi realizada a partir de duas importantes etapas, tendo como ponto de partida o teórico Luiz Beltrão.

1. Etapa – assim como parintinenses e visitantes, me infiltrei na manifestação cultural, como observadora participante. Percebi o que de fato as pessoas ali buscavam - diversão, descontração e alegria. Era um mar vermelho formado de milhares de pessoas, num só balanço sentindo a mesma emoção. O agente folk, neste contexto, o apresentador oficial – Israel Paulain -, que com suas tradicionais frases exaustivas e folclóricas, conseguiu “animar a galera vermelha e branca” por todo o percurso, até o amanhecer.

2. Etapa – durante as entoações das toadas, o povo vermelho se agitava e se interligava, principalmente quando cantada a toada Perrechê do Brasil. Nesse momento observei como a letra era efervescente, contagiante, comunicadora entre aqueles brincantes.

Portanto, foi-se necessário fazer uma análise da letra da toada Perrechê do Brasil para o entendimento folkcomunicacional.

A teoria da Folkcomunicação em Luiz Beltrão

Para falarmos sobre Folkcomunicação, é necessário fazer a seguinte indagação: o que é Folkcomunicação? É o processo comunicacional entre a cultura erudita e a popular, que estuda as diversas manifestações dos homens do campo, mais precisamente dos “homens do campo que estão à margem dos centros de poder e decisão, o que Luiz Beltrão chama de marginalizados” (SCHMIDT, 2004). É, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore (WIKIPÉDIA).

Para Hohlfeldt, 2003, a folkcomunicação é:

“A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. A folkcomunicação, portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar – necessariamente – que

¹Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

engloba em seu fazer saberes vários, às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo” (HOHLFELDT,2003).

A teoria da Folkcomunicação foi criada por Luiz Beltrão, jornalista, profissional experiente por mais de 30 anos, em vários meios de comunicação, como rádio, revistas, assessorias de imprensa, agências de notícias e jornais. Surge em decorrência de sua tese de doutorado (1967), oriundo de um artigo da revista Comunicações & Problemas (1965).

Em 1959, logo que relatei os meus estudos sobre a comunicação jornalística, afetuadonà base das suas manifestações convencionais, dos seus veículos consagrados – os periódicos, o rádio, a televisão e o cinema – buscando isolar os seus atributos essenciais e aprecias as suas condições filosóficas, senti-me atraído por outros aspectos da difusão de informações e expressão da opinião pública, que escapavam à atividade social a que dedicara os meus esforços de indagação científica. (BELTRÃO, 1971).

É a teoria que vai além da simples comemoração, ritos, festas, cerimônias, encontros de amigos, cores, música, jogos, brincadeiras, gestos. Busca a essência, a simbologia de determinado objeto ou ato, é o processo de decodificação da mensagem levada para esse ou aquele grupo social.

Beltrão identifica o processo folkcomunicacional a partir da teoria hipodérmica, onde os fluxos de comunicação parte dos meios de comunicação de massa direto para a audiência, e do modelo de Larzarsfeld, em que a mensagem passa por um intermédio antes de chegar à sua audiência final, este intermédio é o líder de opinião.

Assim sendo, Beltrão percebeu que uma fonte transmite uma mensagem através de um canal, que no processo é representado pelos meios de comunicação de massa, chegando até uma determinada audiência, onde estão contidos os líderes de opinião, este intitulado por ele como líderes-comunicadores. Em um processo comunicacional padrão (fonte-mensagem-canal-receptor) o fluxo terminaria aí. Mas no processo folkcomunicacional, a partir daí começaria um novo ciclo no fluxo da mensagem. Os líderes se tornam comunicadores e transmite uma mensagem através do canal folk.

A audiência folk é formada por grupos marginalizados da sociedade, porém há diversas conotações para a expressão marginal, por isso é importante definirmos uma que mais nos convém. Temos como marginal “um indivíduo à margem de duas culturas e de

¹Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

duas sociedades que nunca se interpenetram e fundiram totalmente” (BELTRÃO, 1980, p.39).

Beltrão define três grupos marginalizados

Os grupos rurais marginalizados

Os grupos marginalizados são caracterizados como “habitantes de áreas isoladas (carentes de energia elétrica, vias de transporte eficientes e meios de comunicação industrializados), subinformados, desassistidos ou precariamente contatados pelas instituições propulsoras da evolução social e, em consequência, alheios às metas de desenvolvimento perseguidas pelas classes dirigentes do país”. (BELTRÃO, 1980, p.39).

São pessoas que não têm acesso ao mesmo estudo dos nobres, isto é, são analfabetas ou semianalfabetas. “Sua permeabilidade à transmissão de novos conceitos não vai além de certas noções empíricas e imediatas e os próprios vocabulários de uso domiciliar não têm, para eles, qualquer significação fora do contexto dialetal” (DOMINGUES, 1966, p. 51).

A comunicação entre eles é limitada ao regional, ao dia a dia deles, pois é um diálogo recebido e repassado de geração para geração sem qualquer regra acadêmica ou científica, servindo apenas para aquele meio.

Os grupos urbanos marginalizados

Os grupos urbanos marginalizados se concentram em favelas, lugares populares sem muita qualidade de vida.

Caracterizam-se pela baixa renda individual ou familiar que sobrevivem de “bicos”, mão-de-obra barata, sem exigências especializadas. Os salários não suprem a necessidade de cada indivíduo, incluindo-se na classe social baixa dessa sociedade. É onde encontramos servidores públicos subalternos, aposentados, menores sem muitas oportunidades educativas ou esportivas, “ladrões, prostitutas, proxenetas, passadores de ‘bicho’ e foragidos da justiça” (BELTRÃO), 1980, p. 55).

Os grupos culturalmente marginalizados

¹Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Estes grupos são considerados culturalmente marginalizados por não aceitarem a cultura e organização estabelecida, contestando-as e criando uma filosofia e política própria para basearem suas vidas. São grupos híbridos dos grupos rurais e urbanos, formulando um novo grupo marginalizados.

Para uma melhor compreensão desses grupos culturalmente marginalizados, é preciso identificar três:

O grupo erótico-pornográfico é aquele que “não aceita a moral e os costumes que a comunidade adota como sadios, propondo-se a reformá-los em nome de uma liberdade que não conhece limites à satisfação dos desejos sexuais e prática hedônicas consideradas perniciosas pela ética social em vigor”. (BELTRÃO, 1980, P. 104).

O grupo político-ativista “tem uma ideologia que a comunidade, em sua grande maioria, considera exótica ou insuportável. São indivíduos decididos a manter estruturas de dominação e opressão vigentes ou revolucionar a ordem política e social em que se fundamentam as relações entre cidadãos, empregando a força como a arma principal para impor suas diretrizes”. (BELTRÃO, 1980, P. 104).

O grupo messiânico é composto “de seguidores de um líder carismático, cujas idéias religiosas representam contrafações, adulterações, exacerbações ou interpretações personalíssimas de dogmas e tradições consagradas pelas crenças ou denominações religiosas estabelecidas e vigentes no universo da comunicação social”. (BELTRÃO, 1980, p. 103).

Agente folkcomunicacional

Luiz Beltrão, considera o agente folk como uma pessoa marginalizada, aquela responsável por decodificar e recodificar a mensagem para o seu grupo social, definindo como comunicador folk. Hoje chamamos de líder de opinião.

“[...] os líderes agentes-comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são ‘autoridades’ reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, administradores e seguidores, e, em geral, alcançado a posição de conselheiros ou orientadores da audiência sem uma consciência integral do papel que desempenhavam” (BELTRÃO, 1980, p. 35).

¹Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Como já bem dito, a folkcomunicação não é o estudo da cultura popular ou folclore, e sim dos processos comunicacionais dessas manifestações culturais.

A Alvorada Vermelha e as expressões folkcomunicativas

Alvorada Vermelha é uma manifestação cultural tradicionalmente conhecida no município de Parintins, realizada sempre no dia 30 de maio para o dia 1 de abril, desde aproximadamente 1935, idealizada por Lindolfo Monteverde – fundador do boi Garantido. Dona Maria Monteverde (filha do idealizador), me cedeu uma entrevista no dia 21.05.18 (segunda-feira), ela diz que seu pai criou a Alvorada com o intuito de anunciar que a festa do boi, que estaria para começar, pois não existia celular e nem um outro meio tecnológico que pudesse divulgar a brincadeira. Na época em que o centro constituía-se apenas do mercado municipal à prefeitura, as demais áreas eram caminhos compostos de terras e matos, sendo preciso Lindolfo e demais moradores formarem puxirum (grupo de pessoas que se ajudam em um mesmo trabalho) para roçar onde o “boi” e brincantes iriam passar. O anúncio da festa começava na Baixa, percorria as demais ruas até a Francesa e voltava para o seu lugar de saída. Mulheres e crianças não eram permitidas participarem, pois o percurso era longo e levava horas, todavia, ainda sim existia aquelas que embrulhavam seus bebês no colo e levavam. Lindolfo versava e cantava. Seus lindos versos eram produzidos instantânea e espontaneamente.

Todas as noites havia brincadeira de boi acompanhada de bastante comida para os presentes no “currelzinho da Baixa da Xanda”. Dona Maria, aos seus 80 anos, participa juntamente com seus familiares de todas as Alvoradas Vermelhas e eventos realizado pelo bumbá Garantido.

Atualmente, milhares de brincantes saem da “Cidade Garantido” – currel vermelho – após duas horas de show apresentado no primeiro momento, percorrendo as vias Estrada Odowaldo Novo, Lindolfo Monteverde, Avenida Amazonas seguindo em linha reta em direção à Catedral de Nossa Senhora do Carmo, por volta das 07hs 30min do dia 1 de abril – feriado dedicado ao dia do trabalhador.

¹Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Esses simpatizantes vão do começo ao fim a pé – numa espécie de caminhada –, dançando, pulando ao som das toadas atuais e antológicas, além de seguirem cantando e bebendo suas caipirinhas, “misturadas”, cachaças entre outras bebidas alcoólicas, em seus grupos de amigos.

Essa manifestação, com a chegada na praça da Catedral, representa as bênçãos recebidas de Nossa Senhora do Carmo para uma nova disputa que se aproxima – festival folclórico.

A Alvorada Vermelha, em 2018, bateu o recorde em número de pessoas vindas de vários lugares do Brasil, em específico, região Norte. Muitos, se organizam em grupos para prestigiarem o evento.

Nessa dimensão, Severino Alves diz que:

“As festas podem apresentar variadas formas em função das épocas e das culturas onde se constituem. São portadoras de valores significativos, tais como a alegria do convívio, de rever os amigos e parentes, de entreter-se, de alimentar sonhos e de propiciar sentidos à vida das comunidades, por meio do seu variado universo simbólico.

Com efeito, a festa é um acontecimento social, histórico, cultural e político. Ela constitui período e espaço de celebração, de comunhão de trocas com o mundo vivido. É o lugar de produção de discursos e de significados, e por isso também promove a criatividade, através da quais coletividades partilham experiências e memórias coletivas, vivências do passado e do presente, por meio das danças, músicas, ritos, comidas, brincadeiras, jogos e superstições”.

A toada Perreché do Brasil: uma análise possível

Entrarei, agora, no mérito da questão. Assunto que abordará a tradição, a identidade, a emoção de um povo “vermelho”.

Tendo como objeto de análise, a toada a seguir, Perreché do Brasil, é autoria de Ivo Meirelhes; Sandro Putnok e Vanderlei Alvino:

*Vou no banzeiro desse rio navegar
Meus olhos contemplam a floresta
Meu canto é resistente e me liberta
O som da batucada no meu peito me faz viajar
E nesse amor
Vou feliz, vou brincando de boi
Dos quatros cantos do Brasil, eu sou vermelho
Sou carioca, tenho a ginga do malandro
Eu sou gaúcho, e lá dos pampas vim chegando
Eu sou paulista e cheguei para agitar
Eu sou mineiro e de mansinho vou chegar*

¹Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

*Eu sou do nordeste brasileiro e nesse Boi quero brincar
Eu sou da Baixa, eu sou do Norte
E essa toada perrechê eu vou cantar
Ôôôô
Garantido é minha paixão
Ôôôô
Garantido é mais campeão
Vermelho é nossa cor, sou rubro torcedor
Meu orgulho é vermelho
Sou Garantido*

A toada folclórica, Perrechê do Brasil, exerce a função de veículo folkcomunicacional, intercambiando a cultura popular e erudita, transformando em processo de decodificação, o sentido que letra musical quer remeter para aquele grupo social, através do ambiente e do agente folk – compositor. Beltrão diz que “...na folkcomunicação cada ambiente gera seu próprio vocabulário e sua própria sintaxe [...] cada agente-comunicador emprega o canal que tem à mão e melhor sabe operar de modo que seu público veja refletidos na mensagem seu modo de vida, suas necessidades e aspirações” (BELTRÃO, 1980, P. 40).

Nesse sentido, Alves (2012), afirma que o ambiente – espaço - é fundamental para a promoção do comportamento de cada indivíduo, além de descrever a atividade em ação, a troca de saberes entre os atores sociais são ainda mais intensos. Assim como o espaço, o tempo também deve ser levado em consideração. O momento deve se tornar prazeroso, afetivo, tirando sempre algo para a existência no mundo. Alves diz ainda que a comunicação “acontece no momento em que ocorre o processo de permuta ou de transação entre atores sociais e o ambiente onde eles atuam, ou seja, “a comunicação é a condição *sine qua non* para que ocorram trocas. Portanto, necessita de uma relação social direta com os seus receptores de interesse, por meio de variadas ações comunicativas”.”

É nesse tempo e espaço que a toada vai permear nos sentidos dos atores sociais, gerando a interação folkcomunicacional entre si.

Beltrão enfatiza que, “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”. (BELTRÃO, 1980, p.24)

¹Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Tendo o agente folk como o compositor, o canal é realizado através da toada chegando ao seu destinatário – grupos específicos – que são os amantes do boi bumbá Garantido ou “perrechés”.

O que é Perreché

Perreché é um termo utilizado para designar um grupo de simpatizantes pelo boi-bumbá Garantido, e que se caracterizam como povão – torcedores apaixonados, fanáticos amantes da brincadeira, vindos da Baixa do São José – origem do Boi. Pessoas envolvidas pelo amor, encaram chuva e sol, vencendo qualquer obstáculo para estarem em sintonia com o sentimento vermelho. Em outras palavras, são pessoas de pés no chão.

Em entrevista cedida por Rodrigo Lago tendo como entrevistado Marcos do Boi, no dia 28.05.18. Ele explica a origem do Perreché, vindo de uma conotação pejorativa desde de longas datas pelo boi caprichoso, considerado boi da sociedade ou da elite, enquanto que o garantido era tido como boi do povão. O intuito do termo “perreché” era zombar daquele povo “pé rachado” que se encontravam em áreas alagadiças. Para Marcos do boi, essa expressão veio para se tornar uma luta de classes que hoje se referencia em todo Brasil, através de um povo “pobre” dotados de genialidade cultural, assumido inicialmente por Paulinho Faria – ícone da história do festival Folclórico de Parintins -, transformando aquela provocação pejorativa em uma identidade cultural para seu povo humilde.

Para a folkcomunicação, esse perreché, segundo Beltrão, se inclui no grupo marginalizado urbano, “compostos de indivíduos situados nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso” (BELTRÃO-1980). Esses escalões inferiores, são considerados a Baixa do São José e proximidades.

Na toada, o perreché ganha uma nova dimensão, saindo da Baixa do São José/Parintins para diversos lugares do Brasil. Nesse contexto, há um deslocamento do perreché caracterizado acima, onde o compositor (agente folk) retrata a expansão de uma característica peculiar ao parintinense para outros territórios brasileiros, criando assim um

¹Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

nova identidade, isto é, um novo perrechê – junção dessa e daquela cultura (Carioca, Paulista, Mineiro, Gaúcho, Nordestino). Ressaltando que não há perrechê apenas em Parintins, mas sim em todo Brasil.

Com características distintas, o agente procura os identificar cada um. Quando cita em sua composição, *sou carioca, tenho a ginga do malandro* – vem especificar a identidade própria dele, fazendo a mistura com o caboclo perrechê. A expressão “malandro” é bastante utilizada por Beltrão, oriunda do “marginal” – utilizada com devidos cuidados para não se confundir com outras conotações. Assim como *Eu sou gaúcho, e lá dos pampas vim chegando; Eu sou paulista e cheguei para agitar; Eu sou mineiro e de mansinho vou chegar; Eu sou do nordeste brasileiro e nesse Boi quero brincar*. Com essas características, os autores vão ganhando suas visibilidades culturais, desde a Baixa do São José, passando pelo Norte brasileiro até abranger os quatro cantos do Brasil, como é mencionado na toada.

“Nossa cultura é resultado de um Brasil de fusões e de intercâmbios, de culturas antigas, como as indígenas, as africanas, as migrantes (japonesa, italiana, alemã etc.) e da própria imigração de norte a sul, de leste a oeste desse país de dimensões continentais” (GOBBI,2007, p.21).

“O povo vermelho” ao entoar *E essa toada perrechê eu vou cantar, Ôôôô... Garantido é minha paixão, Ôôôô... Garantido é mais campeão, Vermelho é nossa cor, sou rubro torcedor, Meu orgulho é vermelho, Sou Garantido*. Toma para si um hino que exalta todo o sentimento Garantido, gerando uma comunicação popular, isto é, a folkcomunicação propriamente dita, de Luiz Beltrão e de seus seguidores.

“Esse enriquecimento de signos e significações permeado pelos meios de comunicação de massa é tradução de uma história específica, um ritmo próprio, com peculiaridades mostradas nos tempos históricos e subjetivos. A complexidade de ritmos, de formas, de cores, de valores e de manifestações configura o patrimônio de uma sociedade que, recheado de importância peculiar, garante a preservação do passado e permite a construção do futuro” (GOBBI,2007, p.21).

Considerações Finais

¹Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Por meio deste trabalho, foi possível identificar a compreensão dos processos folkcomunicacionais presentes na toada folclórica, a partir de uma manifestação cultural, considerada resistente e tradicional no município de Parintins.

Através da concepção teórica de Luiz Beltrão, pôde-se analisar esses processos de acordo com os agentes folks – compositores -, por eles constituídos. Levando para fora do território local e se restabelecendo com novos elementos culturais, formando uma cultura miscigenada – de sentimentos, raças, classes, cores e brasilidades. Assim, podendo visualizar as expressões folkcomunicacionais de um povo cultural.

Nessa perspectiva, busquei alcançar o objetivo proposto diante desta temática com o intuito de contribuir para a absorção de saberes deste ou daquele grupo social.

Para tanto, é necessário buscar ainda mais através das pesquisas científicas, os signos e significações das representatividades culturais escondidas nas entrelinhas de uma sociedade marginalizada.

Referências bibliográficas

<https://www.google.ca/amp/www.srzd.com/geral/boi-garantido-alvorada-vermelha-recorde-publico/amp/>

GOBBI, Maria Cristina. **Metamorfose da Folkcomunicação**: analogia brasileira. In: MARQUES DE MELO, José; MOREIRA FERNANDES, Guilherme (org.). São Paulo: Editae cultural, 2013.

TESKE, Wolfgang. **Teoria da folkcomunicação: da Origem aos Processos Folkmediáticos**. In: MARQUES DE MELO, José; MOREIRA FERNANDES, Guilherme (org.). São Paulo: Editae cultural, 2013.

HOHLFELDT, Antonio. **Novas Tendências da Folkcomunicação: Pesquisas Acadêmicas se Aproximam dos Estudos Culturais**. In: MARQUES DE MELO, José; MOREIRA FERNANDES, Guilherme (org.). São Paulo: Editae cultural, 2013.

CORNIANI, Fabio. **Afinal, o que é Folkcomunicação**. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade de São Paulo.

MARQUES DE MELO, José/UMESP. **Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de Folkcomunicação no Brasil**.

GOBBI, Maria Cristina. **A mídia das comunidades periféricas**. Cadernos da comunicação – Série Estudos: **Folkcomunicação A mídia dos Excluídos**. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007.

¹Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Inserir aqui as referências bibliográficas em fonte Times New Roman, em corpo 11 (onze), com espaçamento simples entre as linhas. As referências bibliográficas, no fim do trabalho, devem ter os dados completos e seguir as normas da ABNT 6023 para trabalhos científicos. Cada referência deve ocupar um parágrafo e devem estar separados por dois espaços simples.

(MODELO DA ESTRUTURA DO TRABALHO)

Título em Caixa Alta e Baixa¹

José da SILVA²

Maria dos SANTOS³

Marcos SOUZA⁴

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Como forma de registrar acontecimentos ou de narrar histórias, o Cinema é uma arte que geralmente se denomina a **sétima arte**, desde a publicação do Manifesto das Sete Artes pelo teórico italiano Ricciotto Canudo em 1911. Dentro do Cinema existem duas grandes correntes: o cinema de ficção e o cinema documental.

Palavras-chave: cinema; ficção; arte; italiano; comunicação.

Texto do Trabalho

Cras interdum diam vitae mauris sodales pulvinar. Donec eu metus sem, et vulputate purus. Etiam at neque vitae metus laoreet adipiscing quis vitae magna. Proin a elit quis risus feugiat commodo vitae ac elit. Sed ante sapien, volutpat ac interdum eu, pulvinar quis quam. Quisque viverra sem luctus lorem venenatis id ultrices ligula ullamcorper.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Folkcomunicação da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Mestrando do Curso de Ciências da Comunicação da FIC-UFAM, email: jpsilva2008@usp.br.

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM, email: maria.santo@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM, email: sousalm@usp.br

¹ Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Suspendisse auctor elit eget justo malesuada non tristique neque pulvinar. Morbi placerat urna non massa tempus posuere et ac ante. Quisque feugiat augue non diam euismod posuere. Suspendisse a rutrum lectus. Vivamus volutpat enim ut est lacinia eu venenatis dui euismod. Vestibulum placerat ornare porta. In malesuada nisl vitae nisl aliquet non posuere erat adipiscing. Sed mi neque, lacinia consectetur sollicitudin eu, accumsan sed massa. Proin ultricies luctus tortor, id dapibus ipsum rutrum sit amet. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit.

Duis vulputate gravida dolor, id gravida felis convallis tincidunt. Mauris sed laoreet odio. Proin facilisis augue sed quam consectetur non tempus nisl porttitor. Sed sollicitudin nibh leo, sed egestas dolor. Quisque tempor leo sed lorem tincidunt id placerat turpis malesuada. Pellentesque posuere dolor eu felis convallis bibendum. Donec ullamcorper, est id bibendum tempor, dolor dui venenatis purus, nec egestas magna odio id quam. Mauris lacinia dignissim massa, eget dictum quam accumsan ut. In vitae scelerisque tortor. Nulla facilisi. Phasellus in massa non dolor euismod dignissim.

REFERÊNCIAS

Exemplo com 01 autor:

GOMES, L. F. **Cinema nacional**: caminhos percorridos. São Paulo: Ed.USP, 2007.

Obs: verificar outros exemplos na norma da ABNT 6023.

¹Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²Acadêmica do 4º semestre de Comunicação Social/Jornalismo, email: brunalira983@gmail.com